



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos
(Organizadores)

Notas sobre Literatura e Linguagem



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos
(Organizadores)

Notas sobre Literatura e Linguagem

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
N899	Notas sobre literatura e linguagem [recurso eletrônico] / Organizadores Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-860-1 DOI 10.22533/at.ed.601192312 1. Linguagem e línguas – Pesquisa – Brasil. 2. Literatura. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de. II. Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de. CDD 401
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Notas sobre Literatura e Linguagem, coletânea de quatorze capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, corresponde a obra que discute temáticas que circundam a grande área das Letras.

As contribuições expostas no presente volume congregam majoritariamente textos que se relacionam nos universos da literatura e da linguagem. Diferentemente do conceito de literatura como arte e ciência, a último capítulo traz revisão da literatura sobre o tema do aprisionamento de familiar. Essa conceituação, revisão de literatura, diz respeito ao buscar, ao identificar contribuições anteriormente formuladas sobre tema específico que será tratado pelo autor.

Feito esse parênteses, apresentamos aos leitores da obra que se segue os principais eixos de discussão que aqui estão trazidos. Inicialmente, contemplando a própria nomenclatura da coletânea, há a exposição de capítulos que tratam de literatura. Sendo assim, temos a priori análise a respeito da crítica literária brasileira. Posteriormente, textos que estabelecem relação de temáticas específicas com obras literárias. Desse modo, termos como africanidade, cronotopo, romance, identidade, gênero, sexualidade, sociedade contemporânea, humanização, erotização, ficção, reportagem, crenças, superstições, epos, nação e concepções pedagógicas encontram espaço nos estudos apresentados.

Partindo para a etapa da linguagem, é possível verificar séries, ensino de língua, entretextos, leitura, enunciação, dialogismo, subjetividade, ortoépia e prosódia como palavras-chave de estudo.

Há ainda a intervenção que aborda a revisão de literatura sobre o tema de aprisionamento de familiar a partir de estudos nacionais e internacionais, como mecanismo de demonstrar a relevância e urgência na discussão do tema.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CAMINHOS PARA PENSAR A CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA	
Daynara Lorena Aragão Côrtes	
DOI 10.22533/at.ed.6011923121	
CAPÍTULO 2	13
AFRICANIDADE EM ALDA LARA	
Analice de Lima Aquino	
Raissa Ferreira da Silva	
Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.6011923122	
CAPÍTULO 3	21
DIÁRIO DO HOSPÍCIO DE LIMA BARRETO: CRONOTOPO E ROMANCE	
Michele Muliterno	
DOI 10.22533/at.ed.6011923123	
CAPÍTULO 4	32
“TRIUNFO DOS PELOS”: UMA REFLEXÃO SOBRE IDENTIDADE, GÊNERO E SEXUALIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	
Juliane Della Mía	
DOI 10.22533/at.ed.6011923124	
CAPÍTULO 5	41
HUMANIZAÇÃO E EROTIZAÇÃO DO VAMPIRO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA	
Natane Emanuelle Rangel	
Luís Francisco Fianco Dias	
DOI 10.22533/at.ed.6011923125	
CAPÍTULO 6	51
FICÇÃO E REPORTAGEM EM CRÔNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA	
Fábio Luis Rockenbach	
Márcia Helena Saldanha Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.6011923126	
CAPÍTULO 7	61
VIVER E ACREDITAR: CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES DO SERTÃO NORDESTINO	
Liliane Viana da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6011923127	
CAPÍTULO 8	69
JESUS CRISTO NO EPOS DA NAÇÃO	
Ellen dos Santos Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.6011923128	

CAPÍTULO 9	82
LITERATURA E CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS: DO CBC (CONTEÚDOS BÁSICOS COMUNS À BNCC (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR))	
Simone Maria de Oliveira Coelho e Sales Lucas Leal Teixeira Juliana de Almeida Pereira e Santos Noemi Campos Freitas Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.6011923129	
CAPÍTULO 10	92
SÉRIES E O ENSINO DE LÍNGUAS: PRÁTICAS MULTIDISCIPLINARES	
Fiama Aparecida Vanz Thaís Nicolini de Mello	
DOI 10.22533/at.ed.60119231210	
CAPÍTULO 11	102
ENTRETEXTOS: A LEITURA RE-SIGNIFICADA	
Edna Tarabori Calobrezi	
DOI 10.22533/at.ed.60119231211	
CAPÍTULO 12	112
ENUNCIÇÃO, DIALOGISMO E SUBJETIVIDADE: A VIDA PULSANDO E AS VOZES EM CONFRONTO NA ARENA DISCURSIVA	
Roberta Costella Gabriela Schmitt Prym Martins	
DOI 10.22533/at.ed.60119231212	
CAPÍTULO 13	124
ORTOÉPIA E PROSÓDIA: UM ESTUDO DESCRITIVO	
Adílio Junior de Souza Maria Lidiane de Sousa Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.60119231213	
CAPÍTULO 14	138
REPERCUSSÕES E ENFRENTAMENTOS DO APRISIONAMENTO DE FAMILIAR: REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA NACIONAL E INTERNACIONAL	
Maria das Graças de Mendonça Silva Calicchio Reni Barsaglini	
DOI 10.22533/at.ed.60119231214	
SOBRE OS ORGANIZADORES	150
ÍNDICE REMISSIVO	152

ORTOÉPIA E PROSÓDIA: UM ESTUDO DESCRITIVO

Data de submissão: 08/10/2019

Adílio Junior de Souza

Universidade Regional do Cariri, Departamento de
Línguas e Literaturas
Missão Velha – Ceará
<https://orcid.org/0000-0001-5545-6441>

Maria Lidiane de Sousa Pereira

Universidade Regional do Cariri, Departamento de
Línguas e Literaturas
Missão Velha – Ceará
<https://orcid.org/0000-0002-0048-1321>

RESUMO: O presente artigo reflete algumas considerações acerca da noção da ortoépia/prosódia em uma abordagem descritiva. Tem como objetivo discutir os conceitos de sílaba e acento, seus tipos e características, com exemplos da língua portuguesa. Nas análises, examinaremos a introdução da Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios de grammatica geral applicados à nossa linguagem, de Jerónimo Soares Barbosa (1822). A pesquisa realizada insere-se no campo dos estudos da Historiografia Linguística, onde o estudo das fontes é priorizado. É uma pesquisa comparada. O referencial teórico eleito para embasar este estudo se constitui pelas seguintes gramáticas:

Cipro Neto e Infante ([1998] 2008), Bechara ([1961] 2009), Cunha e Cintra ([1985] 2001), Cegalla ([1962] 2008) e Rocha Lima ([1957] 2011). Além disso, na metodologia, fazemos uma pesquisa bibliográfica sobre o tema. Partindo do pressuposto de que a ortoépia/prosódia é parte da gramática, defendemos, assim, a importância de seu uso para o ensino de língua materna.

PALAVRAS-CHAVE: Ortoépia. Prosódia. Acento. Sílaba.

ORTHOEPY AND PROSODY: A DESCRIPTIVE STUDY

ABSTRACT: The present paper reflects some considerations about the meaning of orthoepy/prosody in a descriptive approach. It aims to discuss the concepts of accent and syllable, their types and characteristics, with examples from the Portuguese language. In the analysis, we examine an introduction of the Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios de grammatica geral applicados à nossa linguagem, by Jerónimo Soares Barbosa (1822). The research carried out is inserted in Linguistic Historiography field, where the study of the source material is prioritized. It's a comparative research. The theoretical framework selected to base this research is constituted by the following grammars: Cipro Neto and Infante ([1998] 2008),

Bechara ([1961] 2009), Cunha and Cintra ([1985] 2001), Cegalla ([1962] 2008) and Rocha Lima ([1957] 2011). Apart from that, in the methodology, we do a bibliographical research. Based on the assumption that the orthoepy/prosody is a part of grammar, we advocate, thus, the importance of this and his use for the teaching of mother tongue.

KEYWORDS: Orthoepy. Prosody. Accent. Syllable.

1 | INTRODUÇÃO

Assim como procedeu Maria Helena de Moura Neves, em 1995, quando fez, como ela mesma afirma, “uma incursão nas gramáticas portuguesa em busca do conceito de prosódia” (NEVES, 2010, p. 51), agora o fazemos aqui, de modo mais abreviado que aquele, porém com outro olhar.

Nosso intuito, ao realizarmos um percurso histórico e comparado em gramáticas escritas em língua portuguesa confeccionadas no século XX, é abordarmos os conceitos tanto de prosódia (greg. *προσωδία* / lat. *prosōdīa*) como de *ortoépia* (greg. *ὀρθοέπεια* / lat. *orthoepēia*), buscando compreendê-los mais a fundo, para, em seguida, aplicarmos esse conhecimento ao português brasileiro.

Apesar da grande importância que os estudos de prosódia tiveram no passado, basta lembrarmos da *Grammatica da lingoagem portuguesa*, de Fernão Doliueira (atualmente, grafado Fernando Oliveira ou Fernão de Oliveira) (1536) e da *Grammatica da lingua portuguesa*, de João de Barros (1540), para notar que, hoje em dia, o tema deste trabalho estará adormecido ou tem sido evitado por ser espinhoso. Talvez a mais completa pesquisa sobre esse assunto tenha sido a coletânea produzida por Araújo (2007), há mais de uma década.

Evidentemente, não pretendemos, neste estudo, extinguir todas e quaisquer dúvidas em relação ao fenômeno da acentuação gráfica do português atual, tampouco tratar do Novo Acordo Ortográfico em vigor. Na verdade, nosso objetivo é remontar os conceitos supracitados a partir de uma perspectiva historicista e comparativista, fundamentada na Historiografia Linguística. Para tanto, trazendo à lume as gramáticas de: Cipro Neto e Infante ([1998] 2008), Bechara ([1961] 2009), Cunha e Cintra ([1985] 2001), Cegalla ([1962] 2008) e Rocha Lima ([1957] 2011). As edições recentes dessas gramáticas, salvo questões de ordem textual ou gráfica, pouco foram alteradas em sua essência, o que nos leva a entendê-las como um *continuum* do pensamento gramatical de séculos anteriores.

O texto de partida para a análise advém da introdução da edição fac-similar da *Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios de grammatica geral applicados à nossa lingoagem*, escrita por Jerónimo Soares Barbosa, em início do século XIX. Nela, observamos mais detidamente a seção da introdução, entre as páginas IV e VI, as quais definem e especificam o papel da *ortoépia/prosódia* nos estudos da “boa pronúncia” da língua portuguesa.

Em seguida, abordamos as noções de sílaba, suas características, a classificação

das palavras quanto ao número e acento dessas sílabas. Fazemos isso com exemplos elucidativos sobre os tópicos mencionados.

2 | UMA TENTATIVA DE CONCEITUAÇÃO DOS TERMOS ORTOÉPIA E PROSÓDIA

Em uma primeira tentativa de conceituação do termo ortoépia, recorremos a clássica compreensão de Cândido de Figueiredo, no Novo Dicionário da *Língua Portuguesa*: “**orthoepia** *f.* Pronúncia correcta. Parte da Grammática, que ensina a bôa pronúncia. – Usa-se a prosódia *ortoépia*, mas não é rigorosa. (Do gr. orthoepeia)” (FIGUEIREDO, 1903, p. 1.450, grifos do autor).

Mais recentemente, na *Novíssima gramática* da língua portuguesa, Domingos Paschoal Cegalla, assim define o termo: “A *ortoépia* (do grego *orthós*, correto + *hepós*, fala) ocupa-se da boa pronúncia das palavras, no ato da fala. É fonética prática, dinâmica, e merece especial atenção no estudo da língua” (CEGALLA, 2008, p. 44, grifos do autor). Desse modo, a ortoépia tem uma preocupação estritamente normativista, no sentido de determinar as regras elementares da correta pronúncia de vocábulos e palavras de um determinado idioma.

Uma dessas preocupações diz respeito ao modo como se pronuncia uma dada sequência de seguimentos sonoros. Daí um caráter normativista, com vistas a conduzir uma correção em sentido amplo, da emissão dos seguimentos consonânticos e vocálicos, respeitando as características das sílabas e o contexto fonético-fonológico.

Ainda numa perspectiva historicista, o vocábulo latino *prosōdīa* significa literalmente “acento tônico” ou “quantidade das sílabas” (MONIZ, 2001, p. 550). Em suma:

Todos os conceitos têm como princípio o que etimologicamente é sugerido pelo vocábulo correspondente em latim *accēntus*, *us*, que quer dizer, ‘o levantar ou abater a voz numa sílaba’. O tema acento remete a outro vocábulo também latino *prosōdīa*, *ae*, ‘quantidade das sílabas’, que é derivado do grego *prosōidīa*, *as*, ‘canto de acordo com’. Na estrutura profunda, tanto *prosódia*, do grego, quanto acento, do latim, referem-se ao canto ou melodia das sílabas na pronúncia das palavras ou, conforme Oliveira, na pronúncia das dições (SANTIAGO-ALMEIDA, 2007, p. 12).

Com isso, compreendemos que tanto um quanto o outro termo trata-se das mesmas noções teóricas: acento e pronúncia da sílaba. Voltemos, pois, ao que nos diz Figueiredo (1903), que nos legou a seguinte acepção de prosódia:

prosódia *f.* Pronúncia regular das palavras, em harmonia com a accentuação. Pronúncia. Parte da Grammática, que tem por objectivo a pronúncia das palavras; orthoépia. * Mús. Bôa ligação das palavras com os accents melódicos, de fórmula que as *sýllabas* longas e breves mantenham a accentuação própria. (Lat. *prosodia*) (FIGUEIREDO, 1903, p. 1.649, grifos do autor).

Cegalla (2008, p. 46), por seu turno, nos diz que a prosódia é “a parte da fonética

que tem por objeto a exata acentuação tônica das palavras”. Os chamados “acentos prosódicos” fazem parte da investigação dessa área. De modo análogo ao que disse Cegalla, Rocha Lima diz, em sua Gramática normativa da língua portuguesa, que a prosódia é o “estudo especial da acentuação”, sendo esta “o relevo dado a um elemento fonético” (LIMA, 2011, p. 60), isto é, a acentuação “é o modo de proferir um som ou grupo de sons com mais relevo do que outros” (BECHARA, 2009, p. 67).

Corroborando com Cegalla e Rocha Lima, Evanildo Bechara afirma, em sua *Moderna gramática portuguesa*, que a prosódia “é a parte da fonética que trata da correta acentuação e entonação dos fonemas. A preocupação maior da prosódia é o conhecimento da sílaba *predominante*, chamada tônica” (BECHARA, 2009, p. 66). Além da preocupação com sílaba tônica, as sílabas átonas podem ser destacadas, dependendo do tipo de investigação a ser feita.

Notamos que, apesar de as definições dadas por Cegalla (2008), Rocha Lima (2011) e Bechara (2009) apresentarem certa relação entre si e retomarem o mesmo sentido contido no verbete dado por Figueiredo (1903), algo fica evidente: Cegalla e Bechara afirmam que a prosódia integra a fonética, enquanto Figueiredo a coloca no interior da gramática. Ora, isso implica em diferentes interpretações.

Primeiramente, é preciso dizer que a Fonética é a ciência dos sons da fala, isto é, tem os fones como fenômeno elementar de estudo; diferentemente da Fonologia, por exemplo, que é a ciência dos sons da língua, ou seja, tem como foco os chamados fonemas, bem como os fenômenos e relações que estabelecem entre si na língua enquanto sistema (MORI, 2012; MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI, 2012; CALLOU; LEITE, 1994). Logo, dizer que a prosódia faz parte da Fonética é dizer que ela carrega em si o peso de uma ciência descritiva, não apenas do aparelho fonador em si, mas também de toda a produção dos seguimentos, incluindo aí uma descrição do modo e ponto ou zona de articulação.

Em segundo lugar, podemos dizer que, etimologicamente, a gramática “é o estudo do sistema de uma determinada língua, excluindo de seu campo de atuação o léxico (das palavras, que formam o dicionário) e da fonologia (sistema de sons de uma língua)” (SILVA, 2010, p. 73). Assim entendida, a gramática engloba os estudos dos seguintes temas: léxico, ortografia, prosódia, etimologia e sintaxe (BORBOSA, 1822; NEVES, 2010). Esta é a concepção clássica do termo, de modo que, a gramática comporta inúmeras tipologias e classificações, como bem apontou Souza (2017; 2019).

Por adotarmos uma abordagem historicista, entendemos a ortoépia/prosódia como integrantes dos estudos gramaticais que remontam a antiguidade clássica. A gramática tradicional que ainda hoje tende a vigorar no ensino de língua no cenário das escolas brasileiras é o resultado de uma adaptação da gramática grega, via gramática latina (NEVES, 2005; 2011; MARTELOTTA, 2018). Assim posto, fazemos a seguir um exame mais detalhado do assunto a partir da obra de Barbosa (1822).

3 | ANÁLISE DA INTRODUÇÃO DA *GRAMMATICA PHILOSOPHICA DA LINGUA PORTUGUEZA DE BARBOSA (1822)*

Recorrendo ao cabedal da filologia, utilizamos, nesta análise, uma edição fac-símile da *Grammatica philosophica da lingua portugueza* ou princípios de *grammatica geral applicados à nossa linguagem*, de Jerónimo Soares Barbosa (1822), disponível para livre acesso na Biblioteca Nacional de Portugal (biblioteca nacional digital), em arquivo digital. Para esse tipo de edição, “tem-se a reprodução fotográfica do documento, em tamanho natural” (MASSINI-CAGLIARI, 2007, p. 31). Por questões metodológicas e didáticas, optamos por reproduzir de modo paleográfico os excertos selecionados para discussão, facilitando a leitura.

Logo de início, o gramático esclarece os termos da seguinte maneira:

A Orhoepia, que henemendata cum suavitate vocum explanatio, comprehende não so o conhecimento dos sons fundamentaes, que fazem como o corpo dos vocabulos; mas tambem o das modificações musicaes, de que os mesmos são susceptiveis, relativas ou ao canto e melodia, chamadas Accentos, ou ao compasso e rhythmo, nascidas da quantidade das syllabas. Esta parte musical da Orhoepia ou Boa Pronunção tem o nome de Prosodia, da qual a maior parte dos Grammaticos fizerão huma das [...] (BARBOSA, 1882, p. IV).

Para Barbosa, a ortoépia traz em si uma preocupação voltada para a explanação da suavidade da voz, o que inclui aí o conhecimento dos seguimentos sonoros (vogais e consoantes), bem como suas modificações musicais, isto é, a acentuação e quantidade das sílabas que cada palavra apresenta. Nesse sentido, a prosódia é parte da ortoépia, que, por sua vez, integra a gramática.

Em seguida, complementa:

[...] das quatro partes da *Grammatica*, ou não fazendo caso, e desdenhando ainda os primeiros princípios da Boa Pronunção e Leitura, ou incluindo-os na mesma Prosódia.

Porém a *Orhoepia*, ou observação dos sons elementares e fundamentaes da Linguagem articulada, e a sua boa *Esriptura* foi a primeira e ainda a unica parte da antiga *Grammatica*, como acabamos de ver. A Prosodia não foi reduzida a arte, senão muito tarde. Sendo, como são, tantas, tão finas, e quasi imperceptiveis as modificações, que os sons fundamentaes recebem na pronunção; por huma parte era difficil o observal-as ao principio e ainda mais o pintal-as na escriptura; e por outra parecia isto excusado. O uso vivo da pronunção assaz ensinava assim a quantidade e demora de cada syllaba, como a sua inflexão e accento. So quando se tractou de communicar aos estrangeiros não so a lingua escripta, mas ainda a sua pronunção viva; he que se começarão a dar regras sobre esta parte da *Orhoepia*. Aconteceo isto na Lingua Grega pouco antes do tempo de Cicero. Os signaes mesmos destes accentos, postos por cima das vogaes, bem mostram que são de huma data muito posterior (BARBOSA, 1882, p. V).

Sobre esse assunto, é válido ressaltar que Fernão de Oliveira (1536) e João de Barros (1540), ainda no início do século XVI, já advertiam que a gramática era composta por quatro partes: ortoépia, ortografia, etimologia e sintaxe. Barbosa as

ressalta:

[...] a Orthoepia, que ensina a distinguir, e a conhecer os sons articulados, proprios da Lingua, para bem os pronunciar;

A Ortographia, que ensina os signaes Litteraes, adoptados pelo uso, para bem os representar;

A Etymologia, que ensina as especies de palavras, que entrão na composição de qualquer Oração, a analogia de suas variações e propriedades geraes;

E a Syntaxe finalmente, que ensina a coordenar estas palavras e dispol-as no discurso de modo, que fação hum sentido, ao mesmo tempo distincto, e ligado [...] (BARBOSA, 1822, p. 01, grifos do autor).

Do exposto, vemos que o gramático diz ser a ortoépia uma arte, isto é, uma ciência, apesar de que por muito tempo havia sido preterida. Foi, após a necessidade para o ensino de língua grega, que se passou a ter uma maior preocupação de conservação de uma “correta” pronúncia dos grafemas, que isso se deu. Esse foi um fato significativo para a história da civilização grega, uma vez que isso permitiu a transmissão dessa língua ao mais vasto terreno na Europa. Fato similar ocorreu com a língua hebraica, uma língua que renasceu no século XIX, após um longo e intenso trabalho de restauração realizado por Eliezer Bem-Yehuda (RABIN, 1973).

Línguas clássicas, tais como o latim, grego e hebraico, só puderam ser transmitidas graças ao estudo de ortoépia/prosódia, a partir de instrumentos linguísticos (mais especificamente, gramáticas, retóricas e dicionários). Nesses casos, é possível que se diga que se tratam de casos isolados, de línguas mortas. Contudo, quando falamos em línguas vivas, o fato não é diferente. Quando Barbosa disse que “O uso vivo da pronúncia assaz ensinava assim a quantidade e demora de cada syllaba, como a sua inflexão e accento” (BARBOSA, 1882, p. V), ele também se referia a uma língua viva, o português. Ora, é impossível ao estrangeiro vindo da Alemanha, por exemplo, ao chegar ao Brasil e não se deparar com uma pronúncia de língua muito diferente da sua. Até mesmo para um falante da língua portuguesa, essas questões ainda causam certo estranhamento, especialmente, quando ele está diante de uma variedade linguística de outra região.

Em sala de aula, muitas vezes, há uma heterogeneidade linguística que vai desde pequenas diferenças linguísticas, com variações de sotaques, dialetos e até mesmo de línguas, como as que se vê em escolas da fronteira do Brasil com outros países da América Latina.

Por tanto o nome de Prosodia, dado até agora a esta parte da Grammatica, por huma parte não comprehende todo o seu objecto, e por outra supõe antes de si o conhecimento dos sons fundamentaes da Lingua, do qual a Grammatica nunca prescindio, nem pode prescindir, visto ser necessario, e indispensavel para regular a boa pronúncia, e consequentemente a sua boa Escripura e Orthographia. He verdade que de muito tempo a esta parte se tem entregado o ensino destas duas partes da Grammatiza Portugueza, aos Mestres de Eschola, pela maior parte pouco hábeis. Porém daqui tem procedido [...] (BARBOSA, 1882, p. V).

Vemos aqui uma crítica de Barbosa a má compreensão que se tem em relação aos dois termos em discussão. Para ele, o termo prosódia é insuficiente para dar cabo do papel que desempenha na gramática. Outra crítica que ele faz diz respeito ao conhecimento do assunto, na época, que muitos “professores” não detinham. Segundo o autor, isso era causa da pouca aprendizagem, visto que se despendia muito tempo com o aprendizado de “coisas fúteis”.

[...] procedido os maos methodos, com que a primeira idade perde nas Escolas boa parte do seu tempo, e gasta outra em aprender couzas, que depois tem, ou de desaprender, ou de reformar. He justo pois que a couza torne a seu dono, e que os Grammaticos tornem outra vez a si esta parte da Grammatica, que ensina a teoria dos sons, e tudo o que pertence á boa pronunciaçãõ e leitura da Lingua; pois que tem sido tão mal desempenhada em mãos estranhas. O nome de Orthoepia, que damos a esta primeira parte da Grammatica, he mais próprio e accommodado a caracterizal-a que o de Prosodia (BARBOSA, 1882, p. V).

Por fim, Barbosa advoga pelo retorno do ensino da correta pronúncia calcado na ortoépia. Sendo que isso só ocorreria de modo satisfatório se esse ensino voltasse para as mãos daqueles que de fato dominaram essa arte, os gramáticos. E, sintetiza, reafirmando que a ortoépia é o termo mais apropriado a essa parte da gramática.

O posicionamento de Barbosa no tocante ao domínio exclusivo dessa arte por parte dos gramáticos, seria hoje, para muitos estudiosos da língua, algo questionável, uma vez que no Brasil, por exemplo, já existem linguistas que depreenderam a confecção de gramáticas do português brasileiro e nelas vemos uma preocupação com as variedades linguísticas e sua compreensão. Tais gramáticas linguísticas têm seu valor inquestionável, pois, dentre outras questões, por serem, geralmente, de cunho descritivo, estão pautadas em dados reais de diferentes variedades que compõem a língua. Mas também é preciso levar em consideração a época em que foram produzidas (SOUZA, 2017; 2019). Além das gramáticas escritas por linguistas, temos outras que foram produzidas por gramáticos, muitos deles formados com uma base sólida nos estudos da ciência da linguagem (tais como Bechara), nas quais, como já vimos aqui, a ortoépia tem o seu devido lugar.

4 | A SÍLABA

A sílaba é, grosso modo, “um fonema ou grupo de fonemas emitido num só impulso expiratório” (BECHARA, 2009, p. 66), ou dito de modo similar, a sílaba é “um fonema ou grupo de fonemas emitidos num só impulso da voz” (CEGALLA, 2008, p. 36) ou, ainda, trata-se de um “conjunto de fonemas emitidos de uma única vez” (ROBERTO, 2016, p. 174). As definições dadas por Bechara (2009), Cegalla (2008) e Roberto (2016), apesar de serem sucintas, nos informam que a sílaba é, na verdade, o resultado de uma realização articulatória de um ou mais de um seguimento sonoro, portanto, uma produção fisiológica.

Dito em termos fonéticos mais precisos:

Na produção do mecanismo de corrente de ar pulmonar o ar não é expelido dos pulmões com uma pressão regular e constante. De fato, os movimentos de contração e relaxamento dos músculos respiratórios expõem sucessivamente pequenos jatos de ar. Cada contração e cada jato de ar expelido dos pulmões constitui a base de uma sílaba. A sílaba é então interpretada como um movimento de força muscular que intensifica-se atingindo um limite máximo, após o qual ocorrerá a redução progressiva desta força [...] (SILVA (2003, p. 76, grifo da autora).

Dependendo de quantas sílabas uma palavra apresentem, mais movimentos musculares serão exigidos do aparelho fonador, uma vez que, para cada uma delas, um novo processo articulatorio é empregado (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011).

Na língua portuguesa, o núcleo ou pico silábico será sempre uma vogal, sendo essa o ponto mais elevado da sílaba, isto é, seu ápice. É válido ressaltar o que dizem Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante (2008), na Gramática da língua portuguesa: “Em nossa língua, o núcleo da sílaba é sempre uma vogal: não existe sílaba sem vogal e nunca há mais do que uma única vogal em cada sílaba” (CIPRO NETO; INFANTE, 2008, p. 24). Em outras línguas, como, por exemplo, o hebraico e aramaico, o núcleo silábico pode ser ocupado por uma consoante (SILVA, 2003).

As sílabas podem ser simples ou compostas. As primeiras contêm apenas o núcleo silábico constituído por uma única vogal; as segundas são aquelas em que há a presença de uma semivogal (glide) posta antes ou após o núcleo, ou seja, além da vogal propriamente dita, existe também uma semivogal que a ela se liga, formando um ditongo crescente ou decrescente (BECHARA, 2009; SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011).

4.1 Classificação das palavras quanto ao número de sílabas

A partir da leitura de Cunha e Cintra (2001), Bechara (2009), Cipro Neto e Infante (2008), Cegalla (2008) e Rocha Lima (2011), é possível dizer que, pelo número de sílabas em uma dada palavra, podemos classificá-las em:

a) monossílabas (com apenas uma sílaba): a; eu; tu; ti; te; mim; mão; cão; pó; luz; pão; pães; mau; rei; boi; véu; ó; há; é; pé; lá; cá, há, fé; mar, de, dê;

b) dissílabos (com duas sílabas): livro; rua; herói; sonhar; água; trama; caixa; noite; caí; mala; tapa; vara; cada; você; carro; prato; cama; café;

c) trissílabos (com três sílabas): aluno; criança; português; jogador; cabeça; ouvido; saúde; circuito; panela; comida; banana; cômoda; balada; bocado;

d) polissílabos (com mais de três sílabas): estudante; universidade; empreendimento; contentamento; liberdade; casamento; americano; responsabilidade; jesuíta; tapeçaria; mamadeira; sapateiro; fonética;

infelizmente; transposição.

4.2 Características das sílabas

De acordo com a proposta teórica de Cunha e Cintra (2001), na Nova gramática do português contemporâneo, a nossa percepção distinta das sílabas tônicas e átonas de uma determinada palavra advém da “dosagem maior ou menor de certas qualidades físicas” que determinam “os sons da fala humana” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 42). As qualidades podem ser: intensidade, tom, timbre e quantidade.

Por intensidade, entendemos a “força expiratória com que são pronunciados” tais sons (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 42). Muitas línguas neolatinas, entre tais, a língua portuguesa, apresentam grande parte das palavras com essa característica.

Realmente, o acento característico da língua portuguesa é o de intensidade, que, regular e fixo, assinala sempre determinada sílaba de cada vocábulo, funcionando, portanto, como elemento gramatical próprio do idioma — capaz, inclusive, de diferenciar o valor morfológico e significativo de palavras que têm os mesmos fonemas distribuídos na mesma sequência (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 42).

Vejamos, por exemplo:

➤ esta (pronome)	está (verbo)
➤ ira (substantivo)	irá (verbo)
➤ pronúncia (substantivo)	pronuncia (verbo)
➤ sabiá (substantivo)	sabia (verbo)
➤ dúvida (substantivo)	duvida (verbo)

O tom (também dito altura musical) é a “frequência com que vibram as cordas vocais na sua emissão” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 42). Os sons podem ser altos ou baixos (LIMA, 2011).

O timbre (também dito metal de voz) é o “conjunto sonoro do tom fundamental e dos tons secundários produzidos pela ressonância daquela nas cavidades por onde passa o ar” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 42). Quanto ao timbre, as vogais podem ser abertas (e semiabertas) ou fechadas (LIMA, 2011; CUNHA; CINTRA, 2001). Ex.:

- vogal aberta: [a] casa
- vogais semiabertas: [ɛ] sela; [ɔ] cola
- vogais fechadas (- altas/ - baixas): [e] pera; [o] oco
- vogais fechadas (+altas): [i] fila; [u] uva

E, finalmente, a quantidade é a “duração com que [os sons] são emitidos”

(CUNHA; CINTRA, 2001, p. 42). As vogais podem ser longas ou breves (LIMA, 2011). Sobre a quantidade silábica, vale ressaltar os argumentos de Bechara (2009, p. 67), que a define do seguinte modo:

É a duração da vogal e da consoante. Distinguem-se as vogais e consoantes breves (se a pronúncia é rápida) das vogais e consoantes longas (se a pronúncia é demorada). Assinalamos a vogal breve com o sinal (˘) que se denomina braquia ou bráquia, e a vogal longa com o sinal (ˉ) chamado mácron: ă (a breve), ā (a longo).

Tal quantidade se aplica mais a língua latina, que traz em si a distinção de funções morfológicas/sintáticas pela marca de quantidade das vogais. Ex.:

- Puellā (função morfológica: ablativo – função sintática: adjunto adverbial (“com a menina”) ou agente da passiva (“pela menina”).
- Puellā (função morfológica: nominativo – função sintática: sujeito (“uma menina” ou “a menina”).

Entretanto, na língua portuguesa, “a quantidade é pouco sentida e não exerce notável papel na caracterização e distinção dos vocábulos e formas gramaticais” (BECHARA, 2009, p. 67). Portanto, a quantidade não tem valor distintivo e não interfere na compreensão dos significados.

Em uma tentativa de sintetizar o que foi dito, diremos que, com tais qualidades, os sons se agrupam nas seguintes categorias: “pela intensidade, os sons podem ser fortes (tônicos) ou fracos (átonos); pelo tom, serão agudos (altos) ou graves (baixos); pelo timbre, abertos ou fechados; pela quantidade, longos ou breves” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 42, grifo nosso). Em concordância ao que dizem Cunha e Cintra, Rocha Lima (2011, p. 60) ressalta que:

Resulta o acento da íntima associação de certas qualidades físicas dos sons da fala, tais como: a intensidade (maior ou menor força expiratória com que são proferidos); a altura (maior ou menor frequência com que vibram as cordas vocais); o timbre (ou metal de voz); e a quantidade (maior ou menor duração com que são emitidos).

As sílabas são, portanto, unidades compósitas, nas quais há uma amálgama de qualidades físicas. Por sua importância na estrutura do sistema, deve haver uma preocupação por parte dos falantes, quanto a sua emissão, evitando, assim, tanto uma má pronúncia quanto também problemas para sua compreensão.

4.3 Classificação das palavras quanto ao acento tônico

Retomando a base teórica com Cunha e Cintra (2001), Bechara (2009), Cipro Neto e Infante (2008), Cegalla (2008) e Rocha Lima (2011), no tocante a posição da sílaba tônica das palavras, com mais de uma sílaba, podemos classificá-las em: oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.

As *oxítonas* (ou agudas) são aquelas em que o acento recai na última sílaba. Ex.:

➤	cateter	➤	café	➤	condor
➤	cister	➤	rapaz	➤	novel
➤	masseter	➤	escritor	➤	sutil
➤	novéis	➤	maracujá	➤	ureter
➤	reféns	➤	funil	➤	ruim
➤	recém	➤	Niterói	➤	rodapé
➤	material	➤	dispor	➤	urubu
➤	principal	➤	mandacaru	➤	sofá
➤	amanhecer	➤	parabéns	➤	balé

As *paroxítonas* (ou graves) são aquelas em que o acento recai sobre a penúltima sílaba. Ex.:

➤	barro	➤	Epicuro	➤	retorno
➤	poliglota	➤	necromancia	➤	heroico
➤	austero	➤	mesa	➤	filantropo
➤	pudico	➤	lápiz	➤	orquídea
➤	inaudito	➤	montanha	➤	pegada
➤	látex	➤	imensidade	➤	gratuito
➤	caracteres	➤	poderoso	➤	periferia
➤	libido	➤	Pedro	➤	rubrica
➤	cupido	➤	primavera	➤	erudito
➤	decano	➤	baía	➤	sinonímia
➤	misantropo	➤	brasileiro	➤	cabrito
➤	tulipa	➤	escola	➤	palito

As *proparoxítonas* (ou esdrúxulas) são aquelas em que o acento recai na antepenúltima sílaba. Ex.:

➤	árvore	➤	aerólito	➤	Niágara
➤	aeródromo	➤	município	➤	espécime
➤	México	➤	pêssego	➤	protótipo
➤	sólida	➤	Pégaso	➤	êxodo
➤	ambrósia	➤	hieróglifo	➤	andrógeno
➤	década	➤	quilômetro	➤	antífona
➤	ímpio	➤	exército	➤	arquétipo
➤	ímprobo	➤	lúcido	➤	idólatra
➤	aritmética	➤	ômega		
➤	lâmina	➤	alcoólatra		
➤	público	➤	amalgama		

Apesar de os exemplos aqui listados serem de fácil compreensão com os destaques sinalizados, há duas questões que merecem algumas considerações. A primeira diz respeito ao que se chama de divisão silábica.

A divisão silábica da palavra carro, nos dicionários, costuma ser sinalizada como: car-ro, o mesmo pode ser dito da divisão da palavra pêssigo (pês-se-go). Porém, essa divisão, na verdade, é meramente ortográfica. Em uma tentativa de divisão das sílabas de modo coerente, deveríamos ter ca-rro e pê-sse-go, uma vez que os dígrafos rr e ss são pronunciados apenas como [h] e [s], em uma única emissão de voz.

A segunda consideração diz respeito ao modo como se costuma pronunciar certas palavras em determinadas regiões do Brasil. Para a maioria dos gramáticos aqui citados, entre eles Cegalla (2008, p. 45-46), são pronúncias “errôneas” as seguintes palavras, levando-se em consideração a pronúncia tida como a norma padrão:

Pronúncias errôneas

abissoluto, adevogado
Abóboda
advinhar, advinho
Abstêmio
afroxa (ó)
aleja (é)
almejo (é), almeja (é), caleja (é)
Asterístico
Arruína
aterrisagem (zá)
Beneficiente
Bilingue
Buginganga
Carramanchão
Cataclisma
Colmeia (éi)
Cônjugue

Pronúncias corretas

absoluto, advogado
Abóboda
adivinhar, adivinho
Abstêmio
afrouxa
aleija
almejo (ê), almeja (ê), caleja (ê)
asterisco
arruína
aterrissagem
beneficente
Bilíngue
bugiganga
Caramanchão
Cataclismo
Colmeia (êi)
Cônjuge

Entre os exemplos que o autor destaca, não há, porém, menção ao que se compreende por variação linguística – a esse respeito, acreditamos que é preciso separar questões de pronúncia com eventuais aspectos individuais de questões referentes à traços regionalistas refletidos na fala de um ou outro falante – uma vez que o modo de pronúncia de certas construções linguísticas adquire características particulares conforme a região onde são faladas. Dessa maneira, pontuar esses exemplos como “errôneos” é não levar em conta a diversidade linguística do português brasileiro. Obviamente, tanto Cegalla (2008) quanto os demais gramáticos, sustentam suas afirmações em uma teoria gramatical tradicional, que não admite a variabilidade

dos falares. Contudo, essa tarefa cabe a Linguística: fazer a descrição dos diferentes usos da língua e de seus modos de falar.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não queremos e nem negamos que existem variações linguísticas em quaisquer línguas. Esse é um fato indiscutível. Todavia, não podemos também acreditar que certos usos não devem ser observados de perto. Muitos deles interferem diretamente na sequência de seguimentos sonoros, os quais, geralmente, podem provocar ruídos na comunicação.

Apesar do papel normativista que a ortoépia/prosódia desenvolveu no passado (e ainda exerce), é igualmente inegável sua importância para o ensino de uma dada língua, seja ela tida como língua imota (morta), ou língua viva.

Ao mesmo tempo em que se observa as diferenças dialetais do português, também é possível permitir ao aluno conhecer a pronúncia devida das palavras que compõem o nosso idioma. Trata-se mais de uma tarefa de preservação do que coerção. Como seria, pois, se todos nós pronunciássemos as palavras ao nosso bel-prazer? Seria o puro caos. Devemos respeitar os diferentes usos da língua, mas isso não implica em admitir impropriedades que interfiram na compreensão da linguagem. A ortoépia existe justamente para nos ensinar “a distinguir, e a conhecer os sons articulados, próprios da Língua, para bem os pronunciar” (BARBOSA, 1822, p. 01).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Gabriel Antunes de (Org.). **O acento em português**. São Paulo: Parábola, 2007.

BARBOSA, Jerónimo Soares. **Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios de grammatica geral applicados à nossa linguagem**. Por J. S. B.. - Lisboa : Academia Real das Sciencias, 1822. XIV, 466 p.; 20 cm. Disponível em: <http://purl.pt/128>. Acesso em: 10 jan. 2019.

BARROS, João. **Grammatica da lingua portuguesa**. Olyssipone: apud Lodouicum Rotorigiu[m], Typographum, 1540. 60 f. ; 4º (20 cm). Disponível em: <http://purl.pt/12148>. Acesso em: 10 jan. 2019.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CIPRO NETO, Paschoal; INFANTE, Ulisses. **Gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2008.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49.ed. Rio de Janeiro: José Olympio,

2011.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto: 2018, p. 43-70.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. **Cancioneiros medievais galego-portugueses**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. Fonética. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. vol. I. São Paulo: Cortez, 2012, p. 113-155.

MORI, Angel Corbera. Fonologia. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. vol. I. São Paulo: Cortez, 2012, p. 157- 191.

NEVES Maria Helena de Moura. **A vertente grega da gramática tradicional: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

_____. O espaço da fonologia nas descrições gramaticais. In.: BRITO, Ana Maria (Org.). **Gramática: História, Teorias, Aplicações**. Porto: Fundação Universidade do Porto – Faculdade de Letras 2010, p. 51-64.

_____. O legado grego na terminologia gramatical brasileira. **Alfa**, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 641-664, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v55n2/13.pdf>. Acesso em: 03 jan. 2019.

OLIVEIRA, Fernando. **Grammatica da lingoagem portuguesa**. Em Lixboa: e[m] casa d’Germão Galharde, 27 laneyro 1536. [38] f. ; 4º (20 cm). Disponível em: <http://purl.pt/120>. Acesso em: 10 jan. 2019.

RABIN, Chaim. **Pequena história da língua hebraica**. São Paulo: Summus editorial, 1973.

ROBERTO, Mikaela. **Fonologia, Fonética e Ensino: guia introdutório**. São Paulo: Parábola, 2016.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. O acento segundo Fernão de Oliveira. In.: ARAÚJO, Gabriel Antunes de (Org.). **O acento em português**. São Paulo: Parábola, 2007, p. 11-20.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, S. Ribeiro da. O percurso e a sucessora da gramática de Port-Royal. In: MATTOS, Maria Augusta Bastos de (org.). **Gramática em questão**. São Paulo: Mercado das Letras, 2010, p. 73-91.

SOUZA, Adílio Junior de. As ideias linguísticas de Domingos de Araújo e a tradição no ensino de língua clássica no Brasil. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 6, n. 2, p. 219-242, maio-ago. 2017. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/1338/1143>. Acesso em: 10 abr. 2019.

_____. Gramáticas particulares do português brasileiro. In.: SOUZA, Adílio Junior de; CARDOSO, Cícero Émerson do Nascimento; LIMA, Marcos André de. **Linguística & literatura: inter-relações**. João Pessoa: Ideia, 2019, p. 12-31.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos: Doutor em Letras, área de concentração Literatura, Teoria e Crítica, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2019). Mestre em Letras, área de concentração Literatura e Cultura, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2015). Especialista em Prática Judicante pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB, 2017), em Ciências da Linguagem com Ênfase no Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2016), em Direito Civil-Constitucional pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2016) e em Direitos Humanos pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG, 2015). Aperfeiçoamento no Curso de Preparação à Magistratura pela Escola Superior da Magistratura da Paraíba (ESMAPB, 2016). Licenciado em Letras - Habilitação Português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2013). Bacharel em Direito pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNJPÊ, 2012). Foi Professor Substituto na Universidade Federal da Paraíba, Campus IV – Mamanguape (2016-2017). Atuou no ensino a distância na Universidade Federal da Paraíba (2013-2015), na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2017) e na Universidade Virtual do Estado de São Paulo (2018-2019). Advogado inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional Paraíba (OAB/PB). Desenvolve suas pesquisas acadêmicas nas áreas de Direito (direito canônico, direito constitucional, direito civil, direitos humanos e políticas públicas, direito e cultura), Literatura (religião, cultura, direito e literatura, literatura e direitos humanos, literatura e minorias, meio ambiente, ecocrítica, ecofeminismo, identidade nacional, escritura feminina, leitura feminista, literaturas de língua portuguesa, ensino de literatura), Linguística (gêneros textuais e ensino de língua portuguesa) e Educação (formação de professores). Parecerista ad hoc de revistas científicas nas áreas de Direito e Letras. Organizador de obras coletivas pela Atena Editora. Vinculado a grupos de pesquisa devidamente cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Orcid: orcid.org/0000-0002-5472-8879. E-mail: <awsvasconcelos@gmail.com>.

Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos: Mestra em Letras, área de concentração Literatura, Teoria e Crítica, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2019). Licenciada em Letras - Habilitação Português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2018). Bacharela em Direito pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNJPÊ, 2016). É Professora de Literatura no Ensino Fundamental do Colégio Externato Santa Dorotéia, João Pessoa. Advogada inscrita na Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional Paraíba (OAB/PB). Desenvolve suas pesquisas acadêmicas nas áreas de Direito (direitos humanos, direitos sociais, direitos das minorias), Literatura (literatura e sociedade, literatura e cultura, literatura e história, estudos pós-coloniais, guerra de independência, literatura portuguesa, literaturas africanas de língua portuguesa), Linguística (ensino de língua portuguesa) e Educação (formação de professores). Vinculada a grupo de pesquisa devidamente cadastrado no Diretório de Grupos de

Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
Orcid: orcid.org/0000-0003-1179-999X. E-mail: <thamiresvasconcelos.adv@gmail.com>.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Africanidade 13, 14, 15

Alda Lara 13, 14, 15, 17, 19, 20

B

Base Nacional Comum Curricular 82, 86, 87, 88, 91

C

Concepções Pedagógicas 82, 89

Crenças 61, 62, 63, 68

Crítica Literária 1, 2, 3, 7, 11, 12

Cronotopo 21, 22, 27, 30

D

Dialogismo 11, 112, 113, 114, 120, 122, 123

E

Ensino de Línguas 92, 93

Entretextos 102

Enunciação 72, 112, 114, 115, 116, 123

Epos 69, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 79

Erotização 41, 46, 48

F

Ficção 12, 24, 25, 26, 30, 39, 48, 51, 52, 53, 55, 59

G

Gênero 5, 9, 17, 21, 28, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 53, 55, 56, 71, 97, 100, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 120, 122, 147

H

Humanização 41, 49

I

Identidade 11, 12, 32, 33, 34, 36, 38, 39, 40, 70, 73, 75, 76, 101, 143, 148, 150

L

Lima Barreto 21, 22, 23, 24, 25, 26, 29, 30

Linguagem 2, 7, 9, 13, 17, 21, 29, 32, 41, 51, 53, 61, 62, 69, 71, 72, 74, 75, 76, 79, 82, 84, 86, 90, 92, 94, 97, 98, 102, 106, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 128, 130, 136, 137, 138, 150

Literatura 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 21, 22, 27, 30, 32, 34, 37, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 58, 60, 61, 62, 68, 69, 71, 72, 79, 80, 82, 83, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 97, 102, 103, 106, 107, 108, 110, 112, 124, 137, 138, 139, 140, 141, 150

N

Nação 13, 17, 69, 72, 73, 77, 78, 79

O

Ortoépia 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 136

P

Prosódia 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 136

R

Reportagem 51, 52, 54, 55, 56, 57, 59, 60

Revisão de Literatura 138

Romance 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 46, 48, 51, 54, 59, 68, 85

S

Séries 49, 92, 95, 97, 99, 100, 104

Sertão 61, 62, 65, 67, 68

Sexualidade 5, 8, 9, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 43, 46, 47, 48

Sociedade 2, 3, 4, 5, 6, 8, 11, 14, 15, 17, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 79, 85, 86, 87, 88, 94, 97, 98, 100, 103, 106, 110, 112, 116, 118, 121, 122, 142, 143, 147, 148, 150

Subjetividade 4, 39, 112, 120, 142, 147

Superstições 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68

V

Vampiro 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50

